

Ministério do Turismo apresenta
Banco do Brasil apresenta e patrocina



Al COLEÇÃO
BRASILEIRA

ma



na

de Alberto
e Priscila Freire

que

CCBB Educativo



Embarque na exposição Coleção Brasileira

Para visitarmos juntos a galeria, preparamos este caderno de viagem, em formato de **almanaque**. Cadernos de viagem são bons companheiros. É neles que os viajantes guardam as memórias de suas explorações, caminhos percorridos, descobertas e impressões. Para alguns artistas, cadernos de viagem são como ateliês de bolso. Em sua viagem ao Marrocos, em 1832, o pintor francês Eugène Delacroix (1798-1863) chegou a preencher sete cadernos com desenhos, aquarelas e textos. Algumas páginas foram desenhadas sobre a sela do cavalo ou à sombra de figueiras ao cair da tarde.

Este caderno vai acompanhar você nessa aventura pela exposição **Coleção Brasileira**. Nossa viagem começa nas Grandes Navegações, quando surgiram os primeiros gabinetes de curiosidades. Também passamos pela Grécia Antiga e visitamos o *Museion*, o “Templo das Musas”. Vamos e voltamos no tempo até chegar aqui, em Belo Horizonte, na coleção exposta nas galerias do térreo.

Desembarcando na Estação Guignard, a viagem segue para o litoral nas marinas de Pancetti e adentra o mapa em direção ao Vale do Jequitinhonha, explorando o universo moldado em barro pelo ceramista Ulisses Pereira Chaves, conhecendo as bonecas de Dona Isabel e os personagens em tons terrosos de Noemisa Batista Santos.

Esse é o trajeto, mas cada leitor é um viajante. Portanto, este material não está pronto, mas esperando por você.

Programa CCBB Educativo

Gabinete de curiosidades

É tempo das Grandes Navegações, entre o final do século XV e início do século XVII. Os europeus se lançaram ao mar em direção ao Oriente e ao Novo Mundo, região que hoje conhecemos como “continente americano”. Foi nessa época que os europeus entraram em contato com fauna, flora e culturas diferentes daquelas com que eles estavam acostumados na velha Europa. A aproximação com algo novo despertou curiosidade, estranhamento e questionamentos.



Este é um dos primeiros gabinetes de curiosidades de que se tem notícia.

FERRANTE IMPERATO
Gabinete de curiosidades do boticário Ferrante Imperato.
Ilustração do livro *Dell'Historia Naturale* (1599).

Os gabinetes de curiosidades eram locais que reuniam coleções particulares de objetos considerados raros, exóticos e, às vezes, mágicos. Esses objetos eram trazidos por viajantes do além-mar, que os vendiam aos colecionadores. Para se ter acesso à coleção, era preciso fazer parte das elites, pois os gabinetes pertenciam aos reis, aos nobres e à Igreja. Passeando por ele, um visitante poderia encontrar antiguidades, animais empalhados, fósseis, conchas, obras de arte de outros povos...

Os objetos eram organizados e classificados por tipologias. O colecionador colocava objetos de uma mesma categoria, ou com características físicas semelhantes, agrupados todos juntos. Esses objetos eram expostos nas paredes, no chão, no teto, em estantes, baús e prateleiras. Imagine só: em uma parede todas as armas organizadas em conjunto. Em outra, animais empalhados. Numa terceira, obras de arte. E assim por diante.



Essa forma de organizar os objetos lembra um gabinete de curiosidades? O que você acha que fez a colecionadora se interessar por esses objetos?



Jogo do olhar

Você possui algum objeto semelhante aos que vê em *Pequenas alegrias*?

Quantas bandeiras do Brasil você consegue localizar na obra?

Entre os objetos, podemos observar dois bottons com detalhes de pinturas de Alberto de Veiga Guignard. Em um deles, vemos uma paisagem, tema frequente em suas obras. Que tal pesquisar um pouco mais sobre as paisagens mineiras retratadas pelo pintor?

Que figuras religiosas você reconhece neste conjunto?

Os objetos recolhidos nessa composição falam a respeito das vivências da colecionadora, como o broche de uma companhia aérea e moedas estrangeiras. Que tal tentar compor um perfil da colecionadora a partir deste conjunto?

PRISCILA FREIRE
Pequenas alegrias (s/ data).
Composição de objetos.



Da Coleção Real para a Biblioteca

A Biblioteca Nacional, que antes da Proclamação da República se chamava Biblioteca Real, teve início como uma coleção de livros formada pelos reis de Portugal. Em épocas anteriores à invenção da prensa, quando os livros eram copiados à mão, e nem se sonhava que, um dia, existira a internet, os livros eram os grandes guardiões do conhecimento. E quem tem conhecimento, tem poder. Esses livros só vieram parar no Brasil porque essa coleção era tão importante, que o rei Dom João VI, ao fugir de Portugal, não quis deixar seu rico acervo em Lisboa, com medo de que Napoleão o confiscasse. O curioso é que, na correria do embarque, com as tropas francesas se aproximando, as caixas com os livros foram esquecidas no porto. E, graças a um livreiro, escondidas e enviadas, em uma nau, tempos depois, para o Brasil. Muitos exemplares são extremamente raros e, para nossa sorte, essa coleção de livros ficou aqui quando a família real retornou ao reino de Portugal.



Vista do conjunto de armazéns de livros da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro (1911). Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Mouseïon

Museu é uma palavra grega: *mouseïon*, que quer dizer “Templo das Musas”. Era uma mistura de templo religioso com instituição de pesquisa, na Antiguidade. As musas, na mitologia grega, eram as nove filhas de Mnemósine, a deusa da memória, com o poderoso Zeus. No templo, os estudiosos cultuavam as musas em busca de inspiração na criação artística e científica, em áreas como poesia, teatro, astronomia, história e música, entre outras. Lá, também eram expostos alguns objetos religiosos e até invenções. Não podemos dizer que o museu grego é um protótipo do museu moderno, mas a palavra inspirou o nome que usamos hoje.



O. VON CORVEN
Representação da Biblioteca do *Mouseïon*
de Alexandria (séc. XIX). Gravura.



O que é museu para você?

“O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, de estudo e deleite.”
(ICOM - Conselho Internacional de Museus)

Curiosidade



Priscila Freire se deliciava na extensa biblioteca mantida por seus pais. Foi o prazer pela leitura e o apoio da família que a levaram a cursar Biblioteconomia na UFMG.

“Minha mãe teve uma visão de futuro, me ajudando na escolha da profissão e me incentivando a me dedicar a bibliotecas ou a museus.”

A definição de museu contempla muitas instituições além do chamado “museu tradicional”: aquários, zoológicos, planetários, jardins botânicos, centros culturais, sítios arqueológicos também são considerados museus. O aquário, o jardim zoológico e o jardim botânico são coleções de espécimes de seres vivos.



Os museus modernos nascem do hábito do colecionismo. Eles começaram a ser criados no século XVII. Muitas das peças expostas em museus ao redor do mundo vêm de coleções particulares.

Curiosidade



Museólogo é o profissional que trabalha com acervos de memória e de patrimônio. Ele organiza, pesquisa e conserva acervos, planeja exposições e até ensina em museus. Poderíamos dizer que é uma das pessoas que fazem o museu. Porém, não se engane: os museólogos não trabalham só em museus, mas, também, em espaços culturais, instituições de memória, obras de restauração, coleções particulares...

Para ser museólogo, você precisa fazer uma graduação, um mestrado ou um doutorado em Museologia.

BELMONTE
Ilustração do livro *Aritmética da Emília* (1942).
Gravura.



Coleção

Uma coleção é um conjunto de objetos reunidos por uma ou mais pessoas, ou ainda por uma instituição. Os colecionadores são capazes de perceber que um objeto tem valor histórico, artístico, científico ou afetivo. Essas peças são tão especiais, que o colecionador as organiza, armazena e preserva para que durem mais tempo. Coleções podem ser de itens raros, como obras de arte ou artefatos do passado. Elas também podem ser construídas com coisas do nosso dia a dia, como cartões-postais, selos, papéis de carta, ímãs, tampinhas, camisas de times, bonés, quadrinhos e até borrachas diferentes.



“Esta exposição é uma síntese do que sou, de como penso e por onde andei na escolha do que me emocionou. Ícones de que me cerco para lembrar minha história e o que ela me conta exposta aos olhos dos outros.”
Priscila Freire, colecionadora

Colecionadores

A canastra da Emília

Nos livros do Sítio do Picapau Amarelo, Monteiro Lobato caracterizou a boneca Emília, entre outras coisas, como uma colecionadora. Sua coleção era formada por pequenos objetos, como botões de roupa, cacos de louça, conchas etc., que faziam sentido para ela, embora fossem considerados sem importância para os outros. Ela os guardava numa canastra, um pequeno baú, como seus tesouros, dos quais novas histórias sempre poderiam surgir.

Brinquedo também é coisa de adulto

A colecionadora e pesquisadora de cultura popular Sálua Chequer nasceu no interior da Bahia. Seu nome de origem libanesa significa “salve”, como quando desejamos algo de bom para outra pessoa. Começou, há mais de 30 anos, a comprar brinquedos feitos à mão. Hoje, seu acervo reúne mais de 1.300 brinquedos e outros objetos utilizados por crianças de antigamente e, ainda hoje, no interior dos estados do Nordeste.

Uma coleção religiosa

Algumas coleções privadas acabam sendo doadas ou formam museus. Assim foi com o Museu do Oratório, que fica junto à Igreja de Nossa Senhora do Carmo, em Ouro Preto, e reúne oratórios de diferentes estilos e localidades deste objeto típico da religiosidade brasileira. Oratórios são pequenas caixas de madeira ou outros materiais, que trazem uma imagem pintada ou esculpida de um ou mais santos da tradição católica. Diante deles, os fiéis rezam como se estivessem diante de um altar caseiro, que pode até mesmo ser transportado em uma viagem. Nos séculos XVII e XVIII, no Brasil, houve uma grande produção de oratórios, principalmente no Nordeste e em Minas.

Retrato

A arte do retrato em pintura ou escultura é muito antiga e começou para figurar reis, imperadores e outros governantes na China, no Egito, na Grécia etc. Os primeiros retratos serviam para representar o cargo e a função de homens de poder, e não havia a atenção para a fisionomia fiel.

Entre os primeiros retratos considerados realistas, estão os de **Alexandre, o Grande**, esculpidos por Lísipo, por volta de 320 a.C. Na Roma Antiga, os retratos de integrantes da nobreza podiam ser idealizados, naturalistas (cópias fiéis aos modelos) e realistas, ou seja, aqueles que nos fazem perceber o caráter do retratado, e não apenas seus traços.

Na Idade Média ocidental, esse gênero artístico ficou ainda mais restrito aos monarcas do que era na antiga Roma. Já no Renascimento, o retrato voltou a florescer, tendo como modelos os integrantes da alta burguesia e da nobreza.

Pessoas comuns raramente foram retratadas antes do Romantismo, no século XIX, quando a arte passou a ser usada para explorar a alma [ou psicologia] humana, além de ser uma demonstração de status.



No Modernismo, o retrato assume novas formas e cores. Ainda é utilizado para representar pessoas destacadas na sociedade, como artistas famosos e colecionadores, mas passa a retratar cada vez mais pessoas do povo em suas atividades profissionais.

Andy Warhol, artista da Pop Art estadunidense entre os anos 1960 e 1980, fazia retratos de pessoas famosas, como Marilyn Monroe e até Pelé, incluindo grandes colecionadores de arte. Em vez de utilizar máquinas fotográficas sofisticadas, ele usava propositalmente uma câmera Polaroid para fotos instantâneas que ficavam prontas em até um minuto. Ele gostava delas porque a má definição da imagem já eliminava detalhes e aumentava o contraste entre a luz e a sombra. Essas fotos serviam de base para serigrafias (gravuras que se utilizam de fotografias em suas matrizes), que eram reproduzidas de modo repetitivo em grandes formatos e em diferentes cores vibrantes e que se tornaram uma marca da arte contemporânea.





Priscila foi aluna de Alberto da Veiga Guignard na Escola de desenho e pintura que o artista mantinha no Parque Municipal. Quando se casou com Alberto Freire, Priscila pediu ao marido um retrato do artista de presente. No mesmo ano de 1959, Guignard também pintou o retrato de Dr. Alberto Freire.

ALBERTO DA VEIGA GUIGNARD
Retrato D. Priscila Freire (1959).
Óleo sobre madeira.



ALDEMIR MARTINS
Retrato de Priscila Freire (1967).
Óleo sobre tela.

Priscila Freire também foi retratada por Aldemir Martins e Ricardo Wagner. É interessante notar como a mesma retratada, Priscila Freire, aparece de modos tão diferentes nas pinturas de Ricardo Wagner e Aldemir Martins. O desenho de Aldemir Martins é moderno com traços rápidos, como num sonho. Nos retratos do artista, vemos, com frequência, a cabeça do retratado contra um fundo neutro e um elemento decorativo ou estilizado, como uma renda, um animal ou motivos florais, como no canto esquerdo desta obra.

Já no retrato de Wagner, a colecionadora é vista com um vestido cor de vinho aveludado com rendas nas mangas e no decote e um penteado sofisticado. A coruja, no canto inferior direito, perto da flor violeta que ela segura, costuma ser símbolo de sabedoria nas obras de arte. Este retrato nos remete a obras do Renascimento, nas quais aristocratas, mecenas* ou não, eram retratados em ambientes requintados com cortinas, objetos de arte, além de flores e animais simbólicos. Mas a obra nos lembra, também, uma série de obras dos anos 1930, nas quais Portinari retratou senhoras da aristocracia fluminense, como Sofia Cantalupo, inspirando-se nas grandes damas renascentistas.



RICARDO WAGNER
Retrato de Priscila Freire (1972).
Óleo sobre tela.

10 Análise de obra

No retrato que Guignard fez de Priscila, as narinas são delineadas e os contornos dos olhos e da boca, bem marcados. Atrás dela, estende-se uma paisagem montanhosa, que nos lembra a pintura que o artista faz de Minas Gerais e que veremos mais à frente. Os tons escuros das montanhas ressaltam a clareza da pele de Priscila, ao mesmo tempo que o verde de sua roupa se aproxima dos tons da paisagem, criando uma unidade da composição. As árvores escuras se erguem ao fundo e se contorcem na lateral do quadro, e as montanhas se perdem nas nuvens que nos impedem de enxergar o horizonte.



Em 1986, Priscila Freire foi a responsável pela abertura do Museu Casa Guignard, em Ouro Preto, Minas Gerais, criado após o falecimento do artista.

* Mecenas

O termo tem origem no nome do conselheiro do imperador Augusto, na Roma Antiga, Caio Mecenas. A palavra se refere a burgueses ou nobres ricos, que eram amantes das artes e das ciências e patrocinavam artistas e intelectuais para que eles pudessem realizar suas produções. Esse costume tem origem no Renascimento. Ser um mecenas dava *status* a essas pessoas na sociedade da época. Muitos deles eram colecionadores de arte.

Estação Guignard



Alberto da Veiga Guignard (1896 - 1962) nasceu em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, mas logo se mudou com sua mãe para a Europa, e foi lá que estudou em academias de arte. Mais tarde, voltou para o Brasil e, em 1944, o então prefeito de Belo Horizonte, Juscelino Kubitschek, convidou Guignard para ministrar cursos no Instituto de Belas Artes. Ao longo de sua vida, ele pintou naturezas mortas e retratos, mas foram as suas paisagens montanhosas de Minas Gerais, com as igrejinhas barrocas, surgindo em meio aos montes, que ficaram mais conhecidas.

A exposição traz 18 obras de Guignard. Conheça melhor o artista a seguir.



**O balão vai subindo
Vai caindo a garoa
O céu é tão lindo
E a noite tão boa
São João, São João
Acende a fogueira
do meu coração**



ALBERTO DA VEIGA GUIGNARD
Paisagem de Ouro Preto (1960).
Aquarela sobre papel.

Análise de obra

De um lugar alto, vemos uma extensa paisagem montanhosa que toma conta do horizonte nesta pintura de Guignard. Estamos em Minas Gerais. No meio das montanhas, as igrejas coloniais históricas, aquelas de Ouro Preto ou São João del Rei, surgem aqui e ali, mas parecem se dissolver na paisagem. Essa impressão é reforçada por uma técnica renascentista chamada *sfumato*, pela qual as montanhas ao longe são esfumadas e se tornam azuladas, para dar mais profundidade à obra. No caso de Guignard, este artifício também doa uma atmosfera de sonho, como nos surrealistas para suas paisagens mineiras enevoadas. As igrejinhas parecem flutuar tanto quanto os balões da pintura. Afinal, é festa de São João! No canto inferior do quadro, algumas pessoas estão reunidas, brincando e dançando em volta da fogueira.



ALBERTO DA VEIGA GUIGNARD
Tarde de São João (1959).
Óleo sobre madeira.

Embora conhecedor da perspectiva matemática do Renascimento, as paisagens de Guignard sofrem uma sensação de verticalização, porque ele mescla elementos da perspectiva intuitiva. Guignard teve uma sólida formação em pintura, mas, além de se apropriar de recursos da arte erudita europeia antiga e moderna, usa recursos que encontramos na arte *naïf* (ingênua), dos pintores de formação tradicional ou autodidata, como nesta paisagem.

Atenção!

Lembre-se: fabricar, vender, transportar ou soltar balão é crime. Se um balão encontra a vegetação ou as áreas urbanas, pode ocorrer um incêndio.

Estação Pancetti

Giuseppe “José” Pancetti (1902 - 1958) nasceu em Campinas, São Paulo, filho de imigrantes italianos. Aos 11 anos, foi morar com um tio na Itália, onde trabalhou em vários ofícios, como aprendiz de marceneiro, operário em uma fábrica de bicicletas e, também, em uma fábrica de material bélico. Quando voltou ao Brasil, pintou paredes antes de entrar para a Marinha de Guerra brasileira. Esta ocupação permitiu a ele deslocar-se por inúmeras localidades da costa brasileira, não sendo estranho que suas obras mais conhecidas sejam, justamente, as paisagens marinhas.



JOSÉ PANCETTI
Amanhã (1945).
Óleo sobre tela.

Análise de obra

Na paisagem *Amanhã* (1945), vemos a faixa de areia, três pescadores com suas varas de pesca e o mar. As figuras humanas são quase borrões de tinta. Os objetos e as pessoas não fazem sombra no chão, e não há indicação de onde vem a luz que ilumina a composição. Nesta tela, o que ajuda a criar a sensação de perspectiva são as diferenças de tamanho das pessoas na cena e as ilhas ao fundo. A faixa de areia e o mar são quase blocos chapados de cor. Mar e céu em tons de azul, a areia pintada em um tom mais quente. Essa paleta de azul e bege reforça a ideia de um dia tranquilo em que as horas passam sem pressa, como é a espera dos pescadores. A superfície da areia é desenhada como um arco, dando-lhe a impressão de um monte. Esse arco contrasta com a linha do horizonte, ao longe, e oferece, também, profundidade. Essa composição desloca nosso ponto de vista do centro da obra para a lateral.

GENESCO MURTA
Marinha (1940).
Óleo sobre tela.

Nesta pintura de Genesco Murta (1885 - 1967), a paisagem está desabitada, vemos apenas as rochas e a faixa de areia avermelhadas, que contrastam com o azul do mar. As pinceladas rápidas captam o constante movimento das ondas quebrando na orla e a iluminação, na praia, em um determinado momento do dia. Podemos imaginar o som do vento e das ondas batendo nas pedras. O movimento das pinceladas e as preocupações com a luminosidade dão à pintura certo ar francês do século XIX, remetendo-nos às pinturas impressionistas de Claude Monet ou Pierre-Auguste Renoir.



Aqui, Genesco retrata a vista de uma praia da cidade de Niterói.

Ao fundo, podemos observar as montanhas do Rio de Janeiro, famoso por suas paisagens naturais. Você reconhece alguma dessas montanhas?



Curiosidade

O Rio de Janeiro foi a primeira cidade do mundo declarada Patrimônio Mundial da UNESCO como paisagem cultural urbana.

Estação Farnese

Farnese de Andrade (1926 - 1996) nasceu em Araguari, no interior de Minas Gerais. Foi aluno de Guignard na Escola do Parque e, mais tarde, mudou-se para o Rio de Janeiro. Lá, começou a criar obras de arte com coisas coletadas na praia, em depósitos de demolição ou comprando peças em antiquários.

Análise de obra

Na arte contemporânea, além de pinturas, desenhos, gravuras e esculturas, é comum que os artistas utilizem objetos do nosso dia a dia, ou mesmo do passado, que são apropriados em suas obras, causando novas associações e nos fazendo refletir sobre a relação entre elas. Farnese criou várias obras, apropriando-se de oratórios, pequenos altares caseiros que guardam imagens de santos. Em *Lar doce lar*, ele coloca, dentro do oratório, uma torneira e, atrás dela, uma placa de madeira com uma figura que parece um olho e do qual escorre uma mancha vermelha. Podemos associar a torneira a este líquido, que parece escorrer do globo em tons de terra. A adição destes elementos nos causa um estranhamento e se contrapõe ao sentido religioso que associamos ao oratório.

FARNESE DE ANDRADE
Lar doce lar (1996).
Madeira, vidro, metal, fotografia.



JOGO DA ATENÇÃO

O que você vê nesse detalhe?

Estação Tarsila

Tarsila do Amaral (1886 - 1973) foi uma das mais importantes pintoras brasileiras do século XX. Começou sua formação como artista em 1913, no Brasil, após estudar na Espanha, e, em 1920, foi aperfeiçoar sua pintura em Paris, onde ficou até junho de 1922. Tomou conhecimento da Semana de Arte Moderna (que aconteceu em fevereiro de 1922) através das cartas de sua amiga Anita Malfatti. Tarsila só retornou ao Brasil após a Semana de Arte Moderna, em 1922, quando em São Paulo foi apresentada por Anita Malfatti a Oswald e Mário de Andrade. Junto com o poeta Menotti del Picchia, os artistas formaram o Grupo dos Cinco, que teve intensa atuação no Modernismo naquela década.

Análise de obra

A paisagem das cidades mineiras com suas casas de cores exuberantes fez com que Tarsila relembresse a infância quando morava em uma fazenda no interior de São Paulo. “Encontrei em Minas as cores que adorava em criança. Ensinaaram-me depois que eram feias e caipiras. Mas depois vinguei-me da opressão, passando-as para as minhas telas: o azul puríssimo, rosa violáceo, amarelo vivo, verde cantante”, dizia a pintora.



TARSILA DO AMARAL
Paisagens Mineiras (Juatuba e Carmo da Mata)
(1924). Grafite sobre papel-dupla face.

Estas cores se tornaram uma das marcas de sua obra, assim como as paisagens, a fauna, a flora e o folclore brasileiros. *A Cuca* (1924) ou *Morro da favela* (1924) são exemplos de obras que tratam da nossa identidade. Tarsila dizia que queria ser “a pintora do Brasil”.

O lápis de Tarsila desliza sobre o papel, compondo duas paisagens, que parecem conversar entre si. À esquerda, embaixo, vemos uma casa de fazenda típica do final do período colonial, cercada por palmeiras imperiais e árvores com fartas copas; acima, à direita, pessoas andando pela rua de uma cidade, que parece se prolongar, à esquerda, pelas características montanhas mineiras. Este é um dos desenhos realizados como anotações da célebre viagem que Tarsila realizou por Minas Gerais, em 1924, ao lado de Oswald de Andrade, Mário de Andrade e o poeta francês Blaise Cendrars, entre outros.

Estação Portinari



Candido Portinari (1903 - 1962), filho de uma família humilde de imigrantes italianos, nasceu em Brodowski, no interior de São Paulo. Estudou na Escola Nacional de Belas Artes que, naquela época, oferecia aulas de arte clássica. Portinari recebe uma bolsa de estudos e viaja para a Europa, onde tem contato com museus que mostravam a arte do passado e com pintores e movimentos da vanguarda modernista.

Quando volta ao Brasil, Portinari conserva algumas características clássicas na estrutura de suas obras, mas começa a experimentar modificações no tratamento das cores e no modo de representar a profundidade na pintura. Além disso, as figuras não precisavam mais ser fiéis à realidade e passavam a ser estilizadas. Desse modo, ele começou a estabelecer novas relações entre a figura principal e o fundo nas obras, utilizando recursos da linguagem do cubismo e outros movimentos modernos.

Análise de obra

Além de pinturas, Portinari faz desenhos e, também, gravuras. Neles, o desenho anguloso característico de Portinari é uma influência de artistas cubistas, como Pablo Picasso e Georges Braque. Esta gravura de Portinari é uma ilustração criada para o livro *O alienista*, de Machado de Assis. Em *Homem na janela*, vemos um homem com olhos arregalados, a testa franzida e linhas de expressão em torno dos olhos e das bochechas; e com a boca aberta. Sua expressão parece dizer que algum dilema o espanta sem que ele ache a solução.



CANDIDO PORTINARI
Homem na janela (1946).
Tinta sobre papel.

Estação Scliar



Carlos Scliar (1920 - 2001) transitou entre obras figurativas e abstratas, experimentando materiais e técnicas tanto na pintura quanto na gravura. Produzia retratos, paisagens e naturezas mortas, sempre preocupado com a composição (a organização das figuras e outros elementos visuais na obra). Além de artista plástico trabalhou também como cenógrafo, designer e roteirista.



CARLOS SCLIAR
Banana, maçã e laranjas no prato (1980).
Têmpera vinílica e colagem sobre eucatex.

Scliar foi convocado pela FEB, a Força Expedicionária Brasileira, para servir na Itália na Segunda Guerra Mundial. Junto a Vasco Prado, ele inaugurou, após duas longas temporadas em Paris, o importante Clube de Gravura de Porto Alegre, que reuniu gravadores como Glênio Bianchetti e Glauco Rodrigues, que formaram um importante movimento modernista de crítica social no Rio Grande do Sul.

Natureza morta

Natureza morta é um gênero de pintura da história da arte. Usamos este termo para nos referir a pinturas que retratam frutas, louças, taças, livros e outros objetos. Elementos e figuras da natureza morta sempre estiveram presentes em detalhes em retratos, pinturas religiosas etc. Os primeiros registros de naturezas mortas que se tornaram o tema central de pinturas são da Antiguidade Clássica. Mas foi na Europa moderna, com o Barroco holandês, que essa temática se tornou um gênero na pintura, mas era considerado inferior às paisagens, aos retratos e às pinturas históricas, por isso tinha menos prestígio. Só no final do século XIX, a natureza morta se torna uma temática importante, como aconteceu com Paul Cézanne e Van Gogh e, no Modernismo, com o Cubismo e o italiano Giorgio Morandi.

Estação Vale do Jequitinhonha

A Arte Popular é feita por pessoas do povo para o povo. Muitos artistas populares aprenderam o seu fazer artístico sozinhos, sem frequentar um curso para isso. Outros aprenderam com suas mães, seus pais, avôs e avós, como um conhecimento transmitido de uma geração para outra. Esses artistas buscam inspiração no dia-a-dia, nas brincadeiras e nas festas de sua comunidade, na religião, nas histórias da oralidade, em seus sonhos e suas fantasias. Eles e elas transformam esses temas em pinturas, esculturas, cerâmicas, enfeites, mantos e tantas outras manifestações artísticas.

Jequitinhonha é uma palavra indígena, que quer dizer “rio cheio de peixes”. Este rio dá nome à região do Vale do Jequitinhonha, no nordeste de Minas Gerais, que tem 55 municípios. Nas margens do rio, que perdeu sua vegetação, é possível encontrar barro, usado por artesãos para a produção de cerâmica utilitária. As artesãs carregavam seus potes, alguidares e panelas de barro na cabeça para vender em feiras de municípios próximos. Essa era uma forma de sobreviver naquela localidade, também conhecida como Vale da Pobreza.

20

A riqueza do Vale do Jequitinhonha é cultural! Música de viola, tecelagem, esculturas de madeira, peças de cerâmica e festas populares são exemplos do que você verá se for visitar a região.



Hoje, o Vale do Jequitinhonha é um grande polo de arte popular.

Por muito tempo, a pesquisadora Silvia Rezende Costa se dedicou a comprar peças de arte popular do Vale do Jequitinhonha. Após o falecimento da pesquisadora, Priscila Freire comprou a coleção completa dos herdeiros.

Isabel Mendes da Cunha

Filha e neta de louceiros, Isabel Mendes da Cunha (1924 - 2014) nasceu em Itinga, no Médio Jequitinhonha. Quando estava moldando um jarro, Isabel sentiu a forma do corpo humano. Foi assim que surgiram as primeiras bonecas. Outras ceramistas aproveitaram a ideia de transformar a cerâmica local, antes utilitária, em arte.

Pouco a pouco as bonecas foram se tornando conhecidas e valorizadas por colecionadores e galeristas. As peças que mais a projetaram foram noivas, com vestido rendado, buquê de flores de cerâmica nas mãos e uma grinalda cheia de pequenas flores decorando o cabelo. Depois vieram as mães amamentando. Os olhos das bonecas são moldados como duas pequenas bolinhas e depois introduzidos sob as pálpebras, o que propicia, a cada boneca, um realismo fantástico. Jamais Dona Isabel fez uma boneca igual à outra.

Hoje, várias herdeiras, como sua filha Glória e sua neta Andreia, dão continuidade à sua obra com a mesma qualidade técnica e mantendo a tradição no Vale do Jequitinhonha.

A cabeça da boneca encaixa no corpo como uma tampa, ao estilo das moringas, recipiente de barro que mantém a água sempre fresca.



As cores da obra são resultado do oleiro, barro diluído em água com pigmentos naturais, como tauá (cor avermelhada) e tabatinga (branco).



As primeiras bonecas não tinham braços. Eles só vieram depois.

ISABEL MENDES
Mulher com brincos (1970).
Cerâmica policromada.

21

Ulisses Pereira Chaves

Filho da paneleira Domingas Pereira Santos, filha, neta e bisneta de oleiras, Ulisses Pereira Chaves (1924 – 2006) foi um dos primeiros homens a se dedicar à arte do barro, uma ocupação originalmente feminina. Ulisses produziu cerâmica escultórica, mantendo as técnicas de modelagem e pinturas aprendidas com sua mãe, mas criou seu próprio universo: moldou seres sobrenaturais, figuras com muitas cabeças ou que misturam formas de gente com bichos, em seu imaginário fantástico.

Era um visionário, que muitas vezes previa coisas. Se intitulava uma pessoa da natureza, vivendo junto da lua, do sol e das estrelas. Afirmava que o barro, quando era tirado do solo, já vinha com sua forma definida.

Ulisses teve oito filhos, mas apenas dois, Margarida e Zé Maria, seguiram com a arte do barro. Hoje, na terceira geração de ceramistas, sua neta Rosana faz figuras menores de um imaginário impossível, como o casamento entre dois bichos diferentes, tendo como característica a figura da mulher em posição de poder.

22

* “Converso com o barro, e a peça sai.” Ulisses Chaves, artista popular



ULISSES PEREIRA CHAVES
Homem cavalo (s/data).
Cerâmica policromada.

Ulisses assinava apenas as iniciais, UP, em suas peças.



Ulisses cria figuras antropozoomorfas, isto é, que misturam forma de animal com homem. A forma meio homem, meio cavalo, remete ao centauro.

Noemisa Batista dos Santos

Noemisa Batista dos Santos (1947) é de Carai, mesma cidade de Ulisses. Ainda criança, aprendeu a modelar o barro com a mãe, mas diferentemente dela e de sua avó, que faziam cerâmica utilitária, como vasilhas e panelas, iniciou na arte do barro produzindo esculturas figurativas. Suas obras falam sobre a vida cotidiana e rituais religiosos, como batizados, casamentos, funerais e outros. Como característica das personagens de suas cenas, temos homens sempre elegantes: com ombros largos e relógios grandes no pulso; e mulheres, com vestidos bordados, cabelos longos e grandes brincos, coisas que a artista mesmo nunca possuiu.

Embora suas obras sejam valorizadas por galerias e tenham integrado exposições nacionais e estrangeiras, Noemisa vive uma vida simples e isolada na zona rural. Noemisa também se representa em cerâmica, criando autorretratos do cotidiano: moldando potes de cerâmica, na cadeira do dentista, entre outras cenas.

A gravata do noivo e os brincos da noiva são sinais de riqueza.

Esta cena aborda uma festa de casamento.



NOEMISA BATISTA DOS SANTOS
Noivo, noiva, casamento (1976).
Cerâmica policromada.

23

CCBB Belo Horizonte

Praça da Liberdade, 450 – Funcionários
Belo Horizonte/MG

Informações

(31) 3431-9400
ccbhbh@bb.com.br

Horário de funcionamento

Quarta a segunda: 10h às 22h
Terça: fechado

Bilheteria

Entrada gratuita
Retirada de ingressos na bilheteria do CCBB
ou no *site/app* Eventim

Agendamento de grupos

(31) 3431-9440
agendamento.bh@programaccbbeducativo.com.br

Central de Atendimento BB

4004-0001 ou 0800-729-0001

SAC

0800-729-0722

Deficiente Auditivo ou de Fala

0800-729-0088

Ouvidoria

0800-729-5678

Alvará de Funcionamento

Nº: 2018016911

Data de validade: 20/08/2023

bb.com.br/cultura

 /ccbb.bh
 @ccbb_bh
 @ccbhbh

Pesquisa e Redação

Daniela Chindler
Isabela Loures
Vera Pugliese
Vinicius Zavalis

Consultoria em Arte Popular

Galeria Pé de Boi

Edição

Daniela Chindler

Revisão

Sol Mendonça

Produção Editorial

Talitha Dester

Projeto Gráfico

E Thal

Fotos

Lucas Galeno



Educativo

Apoio


SAPOTI



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO